

HISTÓRIAS, CONTOS & FÁBULAS: TÊM QUEM CONTE? A ESCUTA DE CRIANÇAS ACERCA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS LARES INFANTIS

STORIES, TALES & FABLES: IS THERE SOMEONE TO TELL? CHILDREN'S EXPERIENCE ABOUT STORYTELLING AT HOME

Joselma Santos Viana 1

Resumo: O artigo intitulado "Histórias, Contos e Fábulas: têm quem conte? A escuta de crianças acerca da contação de histórias nos lares infantis", nasce em conformidade com o desafio proposto aos membros do Grupo de Estudos, Pesquisas, Educação, Infância & Docência – GEPEID pelo Prof. Dr. José Carlos de Melo (Orientador), acerca da Pesquisa com Crianças. Tal temática se justifica em decorrência da atuação docente na área da educação infantil e as razões acadêmicas ocorrem pelo tema possuir estreita relação com o meu objeto de Pesquisa: O lúdico do Livro Brinquedo, enquanto mestranda do Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB/UFMA. Trata-se de uma pesquisa com enfoque qualitativo que versa sobre questões subjetivas e para tanto, a técnica de coleta de dados foi a entrevista com crianças, a partir de questões elaboradas pensando nas particularidades dos sujeitos. Em seguida, os dados foram articulados e apresentados, através dos quais apreendemos que na visão da maioria das crianças, não são oportunizadas experiências com as contações de histórias em seus lares, contudo, sinalizaram que tais vivências sematerializam no chão da instituição de educação infantil. Sensíveis às discussões e para não concluir, propomos oportunidades que certamente possibilitarão encontrar nos lares infantis novos mediadores e a resposta para o nosso questionamento inicial: histórias, contos e fábulas, têm quem conte?

Palavras-Chave: Escuta. Crianças. Lares Infantis. Contação de Histórias.

Abstract: The article entitled "Stories, Tales and Fables: is there someone to tell? Children's experience about storytelling at home", was created in accordance with the challenge proposed to the members of the Grupo de Estudos, Pesquisas, Educação, Infância & Docência – GEPEID by Prof. Dr. José Carlos de Melo, about Research with Children. This theme is justified as a result of teaching in the early childhood education area and the academic reasons is because the theme is close related with my research object: "The playfulness of the Toy Book", as a master's student of the Programa de Pós Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB/UFMA. It is a qualitative research about subjective questions and for that, the children's interview was used to collect data, from questions elaborated thinking about the particularities of the subjects. Then, the data were articulated and presented, through which we comprehended that in most children's view, experiences with storytelling in their homes are not provided, however, they signaled that such experiences materialize on the early childhood education institution. Sensitive to the discussions and not to conclude, we propose opportunities that will certainly make it possible to find new mediators in children's homes and to answer our initial question: stories, tales and fables, is there someone to tell?

Keywords: Listening. Children. Children's homes. Storytelling.

1 Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) da Universidade Federal do Maranhão, Membro do Grupo de Estudos, Pesquisa, Educação, Infância & Docência - GEPEID-UFMA. Docente da Rede Pública Municipal de São Luís-MA e na Rede Pública Municipal de Rosário-MA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3996402604144590>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1545-9733>. E-mail: joselmasv@gmail.com

Introdução

A contação de histórias ocupa um lugar essencial nas mais diversas sociedades orais pois, nos povos onde não existia a escrita, a palavra era o laço que unia os homens, por sua vez a contadora de histórias, abrange dimensões educativas, iniciáticas, poéticas e criadoras (CARVALHO, 2021). De fato, percebemos o quanto a contação de histórias se faz presente em nossa sociedade e a maneira mais nítida de se perceber a importância desta tradição é quando cotidianamente nos deparamos com histórias que atravessam diferentes gerações em nossas famílias.

Vasconcelos (2016, p. 48) destaca que “essa arte, independente do espaço, do tempo, da tecnologia e do público, é constituída sempre da relação indissociável de contador-história-ouvinte”. Esta relação indissociável proporcionada pelas vivências de contação de histórias envolvia diferentes gerações, avós, pais e filhos, contudo, com as mudanças de perfil social onde as famílias são cada vez menores, pais demandam mais tempo no trabalho e diante deste contexto do século XXI, com o surgimento de inúmeras tecnologias que atraem as crianças, a magia da contação de história pode ter tomado novos rumos.

Nesse contexto, embora tenhamos o entendimento que a arte da contação de histórias proporciona uma diversidade de saberes, vivências afetivas e aflora a criatividade, buscamos realizar a escuta destes que supostamente seriam os principais ouvintes, as crianças.

A razão pessoal para discutirmos sobre esta temática - Histórias, Contos e Fábulas têm quem conte? A escuta de crianças acerca da contação de histórias nos lares infantis - partiu do desafio proposto aos membros do Grupo de Estudos, Pesquisas, Educação, Infância & Docência (GEPEID) pelo Prof. Dr. José Carlos de Melo (Orientador), acerca da Pesquisa com Crianças e tal temática se justifica em decorrência da minha atuação enquanto docente na área da educação infantil. As razões acadêmicas são pelo fato de o tema possuir estreita relação com o meu objeto de Pesquisa: O lúdico do Livro Brinquedo, enquanto mestranda do Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) e a razão social desta pesquisa visou exercitar tal escuta e compreender até que ponto a contação de histórias faz parte da cultura dos lares infantis.

Para tanto, partimos da seguinte questão norteadora: quando falamos sobre a contação de histórias nos lares infantis, com quais memórias nos deparamos?

Assim, do ponto de vista dos objetivos, é uma pesquisa exploratória e em relação aos procedimentos constitui-se a partir de uma revisão de literatura, pois reúne e amplia informações acerca da temática contação de histórias. Dessa forma, destacamos enquanto objetivo geral compreender a partir das escutas, registre-se das análises das crianças, as memórias, percepções e reflexões entrelaçadas nas vivências de contação de histórias apreciadas em seus lares.

Assim, o artigo encontra-se dividido em cinco seções: a introdução que visou apresentar o objeto de estudo, em seguida a segunda seção que buscou identificar as experiências e quem são os contadores de histórias que fazem parte dos lares infantis. Na terceira seção foi analisada a importância dada pelas crianças às vivências de contação de história, percebendo as mesmas, enquanto sujeitos de direitos e atores sociais deste processo. A quarta seção com as possíveis contribuições das contações de histórias no contexto familiar e por fim, as nossas considerações.

As experiências lúdicas da contação de histórias na cultura dos lares infantis

Os educadores costumam realizar uma certa divisão em gêneros para classificar os diferentes tipos de histórias, entre os principais destacamos: Histórias de encantamento, Contos de Fadas, Mitos e Lendas, Contos Populares e Fábulas. Neste, porém, enfatizamos o conceito de três gêneros literários que constam em nosso tema de pesquisa, não por terem maior importância, mas por entender que são uns dos mais solicitados pelo público infantil que faz parte desta pesquisa (percepção atribuída ao longo da experiência enquanto docente da educação infantil). Assim, destacamos os conceitos de:

Histórias de encantamento: O enredo é delineado por acontecimentos mágicos, envolvendo grandes artifícios de transformações, em que o inanimado ganha vida, fala e poderes. Entre os personagens, destacam-se os heróis, com a força provinda de algum talismã, ou algo parecido.

Contos: Reúnem um grande elenco de fadas, bruxas, príncipes, princesas, rainhas, monstros e inúmeros outros, denotando a luta do bem e o mal, porém sempre determinando a vitória do bem. É o tipo de história que termina com “E foram felizes para sempre”.

Fábulas: Sua linguagem é universal e possui estreita ligação com a sabedoria popular, sendo utilizada desde tempos antigos, como instrumento de aprendizagem, de fixação e memorização de valores morais, envolvendo a figura dos animais como base para falar sobre verdade, lealdade, bondade, honestidade e tantos outros valores. Entre os autores mais citados, podemos destacar La Fontaine, Esopo e Monteiro Lobato (FUNDAÇÃO EDUCAR, 2022, p. 5).

Contudo, embora tenhamos o conhecimento destes diferentes gêneros, nas situações informais de contação de histórias em família, tais diferenciações nem sempre são explicitadas para as crianças, pois o que mais interessa é a ludicidade, a fantasia e a imaginação aflorada a partir destas vivências.

Assim, por compreendermos que o papel do ouvinte, neste caso representado pelas crianças, é fundamental e por percebê-las enquanto sujeitos de direitos, propusemos realizar a escuta das crianças para de fato saber as suas impressões acerca das contações de histórias, se as contações fazem parte de suas vivências familiares e perceber no “núcleo familiar” quem são os principais contadores destas histórias.

A nossa atenção estava voltada para analisar qual realidade se generalizou entre as crianças e em contrapartida buscamos identificar a existênciadados contadores de histórias. Pereira (2017, p. 14) lembra com nostalgia dessas vivências: “lembro-me da minha avó, sempre contando histórias do passado da família, da juventude, contando ‘causos’, lendas da região” e esses momentos aconteciam nos mais diversos lugares “em círculos na beira de uma fogueira, na sala de casa, ou na cabeceira da cama” (PEREIRA, 2017, p. 16).

Tais lembranças com toda certeza despertam memórias afetivas, além de aprendizagens, curiosidades sobre as famílias, geram conhecimentos sobre a história da comunidade e possibilitam a continuidade das tradições culturais. Ouvir histórias é “sentir grandes emoções e viver de maneira intensa tudo aquilo que as narrativas provocam naqueles que as ouvem” (MELO, 2015, p. 211).

Contudo, entendemos que as questões sociais que impedem a aquisição de livros infantis no seio familiar podem ser diversas. Sem definir esse mérito, buscamos entender se a tradição oral, ou seja, se a contação de história que independe de questões financeiras, por exemplo, fazem parte do cotidiano destas crianças. Logo supomos que a participação dos membros da família é imprescindível para que as memórias afetivas de contações de histórias se façam presente na cultura infantil.

Os avanços a partir da Sociologia da Infância intensificam a participação das crianças deslocando “a investigação ‘sobre’ crianças para uma investigação ‘com’ crianças”, de forma a promover uma inversão no plano metodológico e epistemológico” (TEÓFILO, 2015, p. 279). Assim, as crianças participaram ativamente trazendo elementos particulares, que dizem respeito às suas realidades enquanto sujeitos ativos que são na sociedade.

A pesquisa “Contos e Fábulas têm quem conte? A escuta de crianças acerca da contação de histórias nos lares infantis” foi realizada em uma instituição de educação infantil da Zona Rural de São Luís, possuindo como público-alvo da pesquisa, uma turma do Pré II, com crianças de 5 a 6 anos. Totalizaram-se 18 crianças e para uma abordagem ética na realização da pesquisa, solicitamos aos responsáveis a assinatura do Termo de Consentimento Livre e às crianças o Termo de Assentimento.

A princípio, em nosso projeto original de pesquisa com crianças apresentado ao grupo GEPEID – Grupo de Estudos, Pesquisas Educação, Infância & Docência em 16 de julho de 2022, destacamos a possibilidade de trazer a experiência da utilização do instrumento de coleta de dados baseada no desenho-história e a entrevista.

A criança pode ser escutada tanto em contextos de ação espontânea (parques, praças, escolas, praia, assentamentos, aldeias...) como em contextos organizados (rodas de conversa, entrevista, sessões de brincadeiras...) para tal finalidade, mas sem expô-la a situações de constrangimentos.

O tempo da escuta pode ser interrompido pela criança no momento em que ela desejar e não quiser mais expressar-se. (LEAL; CAMPOS, 2022, p. 82).

A técnica realizada por Santos (2018, p. 64), visando o instrumento de coleta de dados chamado desenho-história, criada por Walter Trinca em 1972 e que faz uma descrição de situações reais “mobilizando os sujeitos para expressar-se sobre o tema e favorecendo o desenho livre e também os processos perceptivo-dinâmico com as verbalizações temáticas”, não fora concretizada.

Não se sabe ao certo, mas talvez pela complexidade da técnica de coleta de dados, ou pela quantidade de crianças no grupo, ou ainda pela inexperiência da autora e/ou principalmente em decorrência das nossas impressões iniciais, que pautavam pela ausência de memórias afetivas no contexto de contação de história nos lares infantis. O fato é que as crianças não responderam à técnica de maneira “satisfatória” ao olhar adulto da pesquisadora. Em sua maioria, as crianças se recusaram a realizar os desenhos e/ou solicitavam a realização de outros desenhos de tema livre e diversos que à nossa compreensão não estavam relacionados com as questões propostas.

Para tanto, a continuidade da pesquisa foi possibilitada apenas com a realização das entrevistas, a partir de questões que foram elaboradas pensando nas particularidades dos sujeitos: “é a obtenção de informações de um entrevistado, sobre determinado assunto ou problema” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 33).

Figura 1. Parte do Grupo Entrevistado



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Assim, contamos com a participação de 18 crianças ao todo, que foram divididas em grupos a fim de conseguirmos aplicar as entrevistas e as devidas mediações. Nos deparamos com a confirmação do principal entrave e achado na realização da pesquisa, de que a maioria das crianças não dispunham de memórias afetivas acerca da contação de histórias nos lares infantis.

Quadro 1. Relatos de experiências com contações de histórias

Crianças que relataram memórias afetivas de contações de histórias em seus lares	Crianças que não relataram memórias afetivas de contação de histórias em seus lares
04	14

Fonte: Dados produzidos pela pesquisadora (2022).

Pesquisa similar foi realizada no ano de 2021, em uma escola no município de Rosário - Maranhão e publicada com o título “Vivências Literárias com crianças pequenas: Possibilidades pedagógicas em tempos de pandemia” que pode ser encontrada na obra “Por um Maranhão Melhor: a educação infantil no contexto da formação de educadores de crianças pequenas - volume 2”.

Para nossa surpresa os dados acerca das experiências de contação de histórias nos lares infantis, se assemelham com a pesquisa anterior. A pesquisa evidenciou que a maioria das crianças não possuem memórias afetivas literárias e percebemos a ratificação dos estudos de Pereira (2017, p. 14) que aborda acerca desta tradição da contação de histórias perdida nos dias atuais onde, “a televisão, os celulares e diversas distrações, que fazem parte do mundo contemporâneo, acabam roubando o espaço desses momentos encantadores de contar e de ouvir”.

Quadro 2. Experiências de contação de histórias negadas

Quantidade de crianças	Relatos que configuram a ausência de memórias afetivas de contações de histórias
01	“ninguém conta histórias para mim”
01	“nem na hora de dormir”
01	“não, mamãe trabalha”
11	“não”, não e não”

Fonte: Dados produzidos pela pesquisadora (2022).

Torna-se importante expor os efeitos da ausência da contação de histórias pela percepção das crianças. Em seus relatos observamos que as mesmas sentem a falta deste momento e a partir desta escuta, foi possível resgatar a reflexão de que a ludicidade proporcionada pela contação de história deve fazer parte do imaginário e do contexto social infantil.

A importância dada pelas crianças às vivências de contação de história

Entendemos que as pesquisas com crianças são de extrema relevância, pois permitem a escuta das mesmas e como bem sabemos dão voz às suas subjetividades e singularidades que por vezes são silenciadas nas diferentes instituições que estão inseridas.

Assim, outro dado considerado importante é que, embora a maioria das crianças relatasse que não dispunham de momentos de contação de história em família, quando questionadas sobre as lembranças de momentos com contações de histórias, faziam questão de atrelar a pergunta ao contexto da escola, ou seja, lembravam dos momentos que foram vivenciados nas instituições de educação infantil.

Contudo, interessávamos saber a realidade nos lares infantis e buscamos contextualizar a entrevista com uma contação de histórias, baseada na obra na Casa da vó Bá (autora Luanda Martins Campos), que aborda também acerca do contar e ouvir histórias.

A escuta se configura um ato político porque envolve relações de poder, decisões da parte de quem escuta, uma vez que faz escolhas em relação a quem vai escutar, o que vai escutar, quando vai escutar, onde vai escutar e sobre o que vai fazer com o que escutou da criança. Aquilo que foi escutado da criança pode ser alocado pelo ouvinte no lugar da invisibilidade, da negação, da subalternidade ou elevado ao nível de fontes essenciais e inspiradoras para a atualização de paradigmas educacionais, de práticas pedagógicas e de políticas públicas (LEAL; CAMPOS, 2022, p. 75).

Diante disso, buscamos saber das crianças quem costumava contar histórias para elas. As 04 crianças que relataram memórias afetivas de contação de histórias nos lares infantis afirmaram ser a mãe, aquela que proporciona estas vivências, enquanto principal mediadora. Segundo Ferreira (2021, p. 36) “as interações estabelecidas com o meio e com os outros são agregadas de sentimentos afetivos e progressivamente internalizadas”.

Quadro 3. Memórias Afetivas de contação de histórias nos lares infantis

Ordem de apresentação	Relato de memórias afetivas de contações de histórias
Criança 01	<i>O gato comeu o rato</i>
Criança 02	O Curupira
Criança 03	<i>Boi da Cara Preta</i>
Criança 04	<i>O homem do saco</i>

Fonte: Dados produzidos pela pesquisadora (2022).

Colomer (2007, p. 106), chama a atenção para as vivências literárias e “propõe que se trata de uma aprendizagem social e afetiva”. Neste processo dos relatos de memórias realizados pelas crianças durante a entrevista, percebemos a importância de interação com o outro e conseqüentemente, por se tratar de uma aprendizagem, destaca-se o caráter pedagógico que está intrinsecamente atrelado a esta ação. De acordo com Leal; Campos (2022, p. 75-76): “pedagógico é toda experiência que possibilita aprender, que alcança, toca, afeta e produz sentido em quem se expressou e em quem escutou”.

Tais lembranças perpassam pela afetividade que na concepção Walloniana deve ser compreendida pela “capacidade ou disposição do ser humano de afetar e ser afetado pelo mundo externo/interno e pelo outro por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (FERREIRA, 2021, p. 36).

Quadro 4. Histórias Contadas

Ordem de apresentação	Impressões a partir dos relatos das histórias contadas
Criança 01	O gato comeu o rato - a mini-história e também brincadeira, intitulada: O gato comeu o rato, na qual o mediador vai dedilhando na palma da mão da criança e depois percorre o braço, “o gato vai correndo até chegar debaixo do braço”, local onde o gato encontra o rato e que proporciona experiências de muitas risadas.

Criança 02	O Curupira - configura uma das lendas mais famosas do folclore brasileiro e que faz parte do contexto infantil, “ele é o protetor da floresta e pega os caçadores” afirma a criança.
Criança 03	Boi da Cara Preta – “mamãe conta pra mim dormir, boi, boi, boi...” trata-se de uma história cantada, O Boi da cara Preta que há muito embala os sons das crianças brasileiras.
Criança 04	O homem do saco – “Ele é um velho que anda com um saco na costa e pega as crianças e mamãe diz para mim, dormir, se não ela chama o homem do saco”. Conota uma história com uma visão negativa e adultocêntrica de punição das crianças, pois o outro que normalmente se trata de um adulto, não aceita ser contrariado.

Fonte: Dados produzidos pela pesquisadora (2022).

Teófilo (2015, p. 102) afirmam que “nesta fase, a fantasia e o animismo distinguem essas crianças” e diante das condições retratadas percebemos que para muitas crianças, a fantasia e a ludicidade neste contexto familiar estão sendo negadas. Colomer (2007, p. 106) em sua obra enfatiza “a falta de participação sociofamiliar, posto que frequentemente não há adultos formando esse entrelaçamento socioafetivo em casa nem no entorno social” e, embora a figura materna apareça como principal mediadora, foi a ausência da mesma que fora reclamada por outra criança: “não, mamãe trabalha” e a partir desta resposta, refletimos a cerca das mudanças na estrutura social das famílias e a sua atual composição.

Assim, nos questionamos quem são as outras pessoas que ficam com estas crianças? Porque as vivências de contação de histórias não fazem parte do contexto destas famílias? Será que não disponibilizam de “tempo” para efetivação desta prática? Será que não consideram tal prática relevante? Acreditamos que esses questionamentos também precisam ser analisados, pois percebemos na realidade das instituições infantis, famílias cada vez menores, sem a figura paterna e ainda por vezes, sem a figura da avó que por muito tempo teve o papel de contadora de histórias nas famílias e quando estão presentes se confundem com a figura de avó/mãe. Contudo, estas indagações apontam para outras possibilidades de contribuições do universo da pesquisa.

Possíveis contribuições das contações de história no contexto familiar

Nesse contexto de docente-pesquisadora, vislumbramos enquanto responsabilidade social, não fecharmos os olhos para a atual situação e buscamos contribuições com o intuito de favorecer as crianças, não apenas vivências com as contações de histórias, mas a experiência da leitura em família. Assim o “ponto nevrálgico em torno do qual se situa a intervenção. Pode-se afirmar, cada vez com maior segurança e de maneira cada vez mais pormenorizada, que a leitura compartilhada é a base da formação de leitores” (COLOMER, 2007, p. 106).

Segundo Müller; Carvalho (2009, p. 179):

As crianças não apenas internalizam a sociedade e a cultura, mas também contribuem ativamente para a mudança cultural. Isto é, há na socialização um processo duplo onde, por um lado, as sociedades constroem processos de homogeneização frente aos atores sociais, mas estes também, através das suas distintas formas de recepção e ação, produzem singularizações e contribuem para a transformação do social.

Tais percepções estão pautadas nos estudos da sociologia da infância de William A. Corsaro no qual as crianças, enquanto atores sociais, contribuem de diferentes maneiras nos espaços onde

estão inseridas. Para tanto, destacamos dois conceitos-chaves: a reprodução interpretativa e a cultura de pares.

A reprodução interpretativa “captura os aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade, indicando o fato de que as crianças criam e participam de suas culturas de pares” (MÜLLER; CARVALHO, 2009, p. 31). Durante o momento de reconto e de inúmeras outras brincadeiras do faz-de-conta, é possível perceber que as crianças resgatam vivências anteriores, realizam experiências de diferentes papéis e “antes elaboram e enriquecem continuamente os modelos adultos para atender a seus próprios interesses” (MÜLLER; CARVALHO, 2009, p. 34).

Figura 2. Momento de Reconto



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

A cultura de Pares é definida “como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares” (MÜLLER; CARVALHO, 2009, p. 31). É possível perceber a escola de educação infantil, “como um lugar privilegiado para a construção de cultura de pares na medida em que oferece um tempo e espaço de constante convívio” entre as crianças (MÜLLER; CARVALHO, 2009, p. 183).

Contudo, “não é objetivo da educação infantil alfabetizar as crianças, no sentido de levá-las à apropriação do sistema de escrita alfabético, mas isso não significa deixarmos a língua escrita fora da sala de aula” (CORAI, 2015, p. 34-35). Devemos propor situações de vivências de leitura que proporcionem o uso social da mesma e mais, devemos ir para além da sala de aula, buscamos ratificar as vivências de leitura e contação de histórias nos lares infantis, com intuito de que as famílias contribuam na formação das crianças.

A pesquisa de HIGA (2015, p. 128) retrata a importância da leitura com as crianças na rotina familiar

[...] percebeu-se que a leitura para as crianças antes de dormir é relatado como momento importante da rotina familiar. É o momento que os pais relatam de estar com os filhos sem outras preocupações do dia-a-dia e a possibilidade que têm para juntos, se divertir, sentir, ensinar e aprender. Geralmente, são as crianças que pedem a leitura, ela nunca aparece como imposição e obrigação. Entretanto, a leitura não fica restrita ao horário noturno. Para outras famílias, ela é importante após o despertar [...]

A mesma autora destaca que a partir da mediação da família “emergem as memórias das práticas de leitura na infância e o envolvimento afetivo com os familiares e os livros” (HIGA, 2015, p. 140), ou seja, as crianças que possuem essas experiências as levam para toda vida e estendem aos seus familiares. Tais vivências contribuem para a aproximação afetiva dos familiares por meio da leitura, ampliam o repertório de conversas à medida que as leituras vão sendo compartilhadas, estimulam o reconto pelas crianças e ainda ampliam a capacidade inventiva, a partir da criação de histórias por meio das ilustrações (HIGA, 2015).

Por entender que a escola possui um importante papel em tais vivências, Corais (2015, p.

29) afirma que, “o trabalho do professor nessa etapa da vida da criança deve promover situações significativas de aprendizagens e por sua vez, de desenvolvimento” e “ninguém nasce geneticamente predisposto a gostar de ler, ao contrário, trata-se de um processo socialmente constituído a partir das experiências compartilhadas, vivenciadas e significadas” na trajetória de cada indivíduo (HIGA, 2015, p. 174).

Figura 3. Projeto Sacola Viajante



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Cabe ressaltar, que foi realizada uma proposição a partir da fala das crianças acerca de um projeto que envolva a participação das famílias e as crianças estão ansiosas e desejosas pela realização do mesmo. Acreditamos que estas experiências são importantes para a cultura infantil e que a família, a escola e a sociedade corroboram nestas aprendizagens, assim propomos enquanto vivências das contações de histórias no contexto familiar o Projeto: Sacola Viajante, contudo, tais reflexões farão parte de outros estudos.

Algumas Considerações Finais

O presente artigo buscou despertar reflexões acerca da Pesquisa com Crianças e a compreensão destes estudos iniciais que se mostraram desafiadores na prática. Contudo, a pesquisa com crianças deve ser cada vez mais assegurada por parte dos pesquisadores, por possibilitar dar voz e vez às crianças. É certo que por se tratar de uma experiência nova, talvez tenhamos deixado em alguns momentos de dar visibilidade ao protagonismo infantil, de assegurar a partir do seu ponto de vista os seus anseios e desejos.

Entretanto, acreditamos que de certa forma a resposta da pesquisa foi contemplada neste artigo, pois nos possibilitou perceber, a partir da fala das crianças, que a maioria delas não vivenciam experiências de contação de histórias no contexto familiar e/ou não se fizeram significativas em suas memórias.

As experiências citadas pelas crianças enquanto contações de histórias perpassam por: histórias com brincadeira lúdica (O gato comeu o rato), lendas do folclore brasileiro (O Curupira), cantigas populares (O Boi da Cara Preta) e até lenda urbana (O homem do saco). Ao vislumbrarmos estes exemplos percebemos o grande repertório de aprendizagens que podem ser possibilitadas às crianças e também o contrário, o quanto tais experiências estão sendo negadas.

Além disso, a pesquisa apontou que as mães são as principais mediadoras/contadoras de histórias nos lares infantis e chama-se a atenção para a afetividade e o fortalecimento do vínculo desta vivência social. Por isso, diante das evidências aqui apontadas acreditamos que podemos contribuir com a possibilidade de ampliação destas experiências para além das instituições da educação infantil.

Tendo as crianças como atores sociais e as reflexões trazidas a partir deste processo, vislumbramos a realização do Projeto: Sacola Viajante com o intuito de ampliar as possíveis contribuições das contações de histórias no contexto familiar.

Referências

CARVALHO, Caroline Matos de. **Contações de histórias e criatividade: um encontro a partir da experiência da escuta.** 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2021.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A Leitura literária na escola.** Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CORAIS, Maria Cristina. **A linguagem na vida, a vida na linguagem! Afinal, qual a relação entre Educação Infantil e Alfabetização?** In: GOULART, C. M. A.; SOUZA, M. L. de (Orgs.). Como alfabetizar? Na roda de conversa com professores dos anos iniciais. São Paulo: Papirus, 2015.

FERREIRA, Talita Furtado. **Afetividade e a formação de crianças leitoras: contribuições da teoria Walloniana.** Dissertação (Mestrado em Gestão de ensino da Educação Básica) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, 2021.

HIGA, Sue Ellen Lorenti. **Famílias que participam de biblioteca: A mediação afetiva na constituição do sujeito leitor.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015.

LEAL, Fernanda de Lourdes Almeida. CAMPOS, Kátia Patrício Benevides. **O que as pesquisas com e sobre crianças podem nos dizer em tempos de crise?** Campina Grande: EDUEPB, 2022.

MÜLLER, Fernanda. CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Teoria e Prática na Pesquisa com crianças: Diálogos com William Corsaro.** São Paulo: Cortez, 2009.

FUNDAÇÃO EDUCAR. **Oficina de contação de histórias.** Além do Encantamento. Fundação Educar D Paschoal, 2022.

PEREIRA, Maria Elayne Ribeiro. **O Projeto “Griots (Contadores de Histórias)/UEPB” e suas contribuições para minha prática docente.** 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 2017.

SANTOS, Heloísa Cardoso Varão. **Fatores de Riscos em Creches: Representações sociais sobre os riscos no desenvolvimento da criança.** São Paulo: Dialogar, 2018.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4. ed. Florianópolis, SC: UFSC, 2005.

TEÓFILO, Maria da Penha. **Criança, Investigação e Participação: aproximações a partir da Sociologia da Infância.** In: MELO, José Carlos de; CHAHINI, Thelma Helena Costa (Orgs.). Reflexões e práticas na formação continuada de professores da Educação Infantil. São Luís: EDUFMA, 2015.

VASCONCELOS, Benedito Clarete de. **A arte da Contação de histórias: uma experiência de cuidado no Projeto de Extensão PalhaSUS.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2016.

VICENTE, Kyldes Batista. **A literatura Infantil na Educação Infantil.** In: MELO, José Carlos de (Org.). A Formação continuada de professores da Educação Infantil: distintas abordagens. São Luís: EDUFMA, 2015.

VICENTE, Kyldes Batista. **Literatura Infantil: Gêneros e Temas.** *In:* MELO, José Carlos de; CHAHINI, Thelma Helena Costa (Orgs.). Educação Infantil: Entrelaçamentos dos Saberes. São Luís: EDUFMA, 2017.

Recebido em 06 de dezembro de 2022.

Aceito em 16 de janeiro de 2023.